



VIAJE SOZINHA

Dicas e experiências
para que você
embarque na boa
e se divirta
como nunca



Flávia Soares Julius
Maristela do Valle

Copyright © 2007 Flávia Soares Julius e Maristela do Valle

Supervisão editorial Marcelo Duarte
Assistente editorial Tatiana Fulas
Projeto gráfico Ana Miadaira
Diagramação Ana Miadaira
Ilustrações Fernanda Guedes (capa)
Toninho Gonçalves (miolo)
Preparação Alessandra Miranda de Sá
Revisão Cristiane Goulart
Telma Baeza G. Dias

CIP - BRASIL CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

v273v

Valle, Maristela do.

Viaje Sozinha / Maristela do Valle e Flávia Soares
Julius. - 1. ed. - São Paulo: Panda Books, 2007

1. Mulheres - Viagens - Guias. 2. Viagens - Guias.
I. Julius, Flávia Soares. II. Título.

07-0616

CDD: 910.202

CDU: 910.21

2007

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Lisboa, 502 - 05413-000 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3088-8444 - Fax: (11) 3063-4998
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br

*Dedicamos este livro aos nossos filhos Francisco,
Alissa e Stella, que já viajam desde a época em que
estavam em nossas barrigas, e a todas as mulheres
que adoram pôr o pé na estrada - sozinhas ou
acompanhadas, com ou sem medo.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos muitíssimo a todas as pessoas que cruzaram conosco nas nossas viagens pelo Brasil e pelo mundo e também àquelas que contribuíram diretamente para a elaboração deste livro. À nossa amiga Cindy Wilk, pelas valiosas contribuições que deu no início do projeto. À mulherada que contou suas histórias de viagens especialmente para que aqui fossem publicadas: Adriana Mourão, Aline Clark, Anne-Claude Peton, Candy Petean, Celina Bueno Galvão do Valle, Daniela Rocha, Isabelle Somma, Kelly Goldsborough, Lada Orsagova, Mara Regina Mendes, Marie-Noëlle Hervé, Nathalia Molina, Patricia Jota, Silvia Pegoraro, Silvia Rocha. Obrigada também a Heloisa Cunha, Renata Rolim e Suzana Paquete por terem autorizado a publicação dos seus depoimentos que puxamos da internet. A todos os que estão mencionados ao longo dos nossos depoimentos. Aos amigos que nos ajudaram na tradução e na pronúncia dos termos em outras línguas do Capítulo “Botando a boca no mundo”: Anne-Claude Péton, Chiaki Karen Tada, Cristiano Zwiesele do Amaral, Fabio Cesar Montanheiro, Juliana Cortese, Luciana do Valle, Liu Yung Mao, Lydia Liu, Robert Hofemann Buthe. E não podemos deixar de agradecer aos nossos maridos, Joel e Andy, que sempre nos apóiam e facilitam o nosso trabalho, e às nossas famílias e amigos, que fizeram parte de nossas viagens ou ficaram aguardando nosso retorno.

PREFÁCIO

Quando Maristela do Valle e Flávia Soares Julius me disseram que estavam escrevendo um livro sobre “mulheres viajantes” (palavras delas) e me convidaram para fazer o prefácio, pensei logo em contar uma das minhas muitas histórias e dar algumas sugestões.

Mas qual delas? A clássica, aos 18 anos, sozinha de mochila pela Europa? Ou aquela divertida com amigas queridas em Nova York? Talvez a do Egito, recém-separada, com a amiga idem? Não, melhor a do Peru, outra vez sozinha, mas então recém-apaixonada. Talvez uma das muitas viagens recentes a trabalho, aproveitando cada minuto livre para conhecer o lugar e estourando o orçamento em ligações telefônicas para diminuir a saudade do marido e do enteado?

São muitas as minhas aventuras solitárias pelo mundo – tantas quanto as acompanhadas. Todas deixaram lembranças, histórias, amigos. A Maristela mesmo foi companheira de uma viagem profissional a Portugal na qual fomos a aldeias e castelos.

Se a leitora ainda hesita em botar o pé na estrada sem companhia masculina, basta ler o livro dela e da Flávia, duas “mulheres viajantes” para lá de experientes, para acabar com a dúvida. Se o leitor não sabe se deve encorajar a amiga, namorada, mulher, irmã, mãe, a seguir seu rumo, *Viaje sozinha* é o estímulo que faltava.

Minhas histórias são muitas e ficam nas lembranças. Já as sugestões podem ser resumidas em uma só: bom senso. E boa viagem!

Carla Lencastre

editora do caderno Boa Viagem, do jornal *O Globo*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 **CHEGA DE DESCULPA!**

. 17
Prós e contras 44
Os bons companheiros . . . 46

2 **UM MUNDO DE POSSIBILIDADES**

. 49
Por onde começar a jornada 50
Desbravando nosso Brasil brasileiro 52
Na Roma como os romanos 60
Países Islâmicos 94

3 **COMO IR**

. 117
Avião 122
Ônibus 123
Trem 128
Carro 131
Táxi 137
Carona 140

4 **NA HORA DE FAZER AS MALAS**

. 145
O tipo de bagagem 146
O conteúdo 148
Artigos de beleza 150
Os cinco mandamentos da boa mala 151
O conteúdo da bagagem de mão e da nécessaire . . 152

5 **MOCHILEIRA, MAS SEM IR PARA AS GALÁXIAS**

. 154
O que não pode faltar na mochila 160

6 **VIAJANTE DE NEGÓCIOS, UM CAPÍTULO À PARTE**

. 162
A aparência é tudo 166
Diferenças culturais 169



7 CUIDADOS COM A SAÚDE, A HIGIENE E A BELEZA

- 171
- Menstruação 172
- Banheiros 174
- Depilação longe de casa .. 178
- Alimentação e briga
com a balança 180
- Grávida na estrada 183

8 EVITANDO OS MALAS-SEM-ALÇA

- 188
- Até que ponto o risco
vale a pena? 192
- Brasileira, sinônimo
de mulher fácil 194
- Como despistar
a paquera insistente ... 196

9 OUTROS INCONVENIENTES - REAIS OU IMAGINÁRIOS

- 198
- Golpes 202
- Assaltos e roubos 206
- Solidão 210
- Saudade 215
- Doenças ou acidentes ... 217

10 UMA VOLTA (FLÁVIA CONTA SUA HISTÓRIA) AO MUNDO

- 218
- ## 11 PROGRAMAS PRONTOS PARA SE ENTURMAR
- 229
- Pacotes de viagens 230
- Intercâmbio e cursos de
línguas no exterior 231
- Friendship Force* 231

12 PARA QUEM ESTÁ COM QUARTAS INTENÇÕES

- 232
- Onde a paquera
rola solta 234
- Just for singles* 238
- Navios 239

13 COMPRAS

- 241
- Lembrancinhas 242
- Impostos 245
- As grandes liquidações
do mundo 245
- Excesso de bagagem 248

14 FAZENDO COM PARA DIBO NOITES DE SONO SEM PESADELO

.....	251
Menino não entra	255
Hotéis para lésbicas	258
Com áreas femininas	258
Serviços e pacotes especiais para as moças ..	261
Para se enturmar	265

15 AGENDA DO VIAJANTE AGENDA DA VIAJANTE

.....	267
Agências e operadoras de turismo	268
Companhias aéreas	270
Grupos hoteleiros	272
Cartões de crédito	273
Informações sobre as estradas brasileiras	274
Empresas de ônibus	274
Locadoras de carros	274
Companhias de navegação	275
Entidades de classe	275
Sites para viajantes independentes	276
Sites de viagens direcionados para mulheres	276
Agências especializadas ..	277
Sites de turismo	277
Reservas	278
Outros	279

16 PARA MULHERES BOTANDO A BOCA NO MUNDO

.....	280
Para se livrar dos chatos ..	281
Segurança	284
Hora das compras	285
No hotel	288
Para se enturmar	289
Apuros e favores	289
Emergências femininas ..	292

ÍNDICE

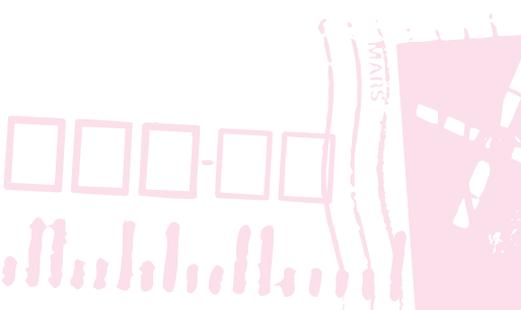
080690



..... 296

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

..... 298



INTRODUÇÃO



Minha primeira viagem totalmente solo foi para o Nordeste, aos 21 anos. Na época, fiquei tão preocupada em fazer amigos no caminho que fui definindo o meu roteiro de acordo com o itinerário das pessoas que encontrava nos albergues. Por exemplo, quando estava em Natal, preferi ir para a Paraíba com um grupo de argentinas do que seguir sozinha para Fortaleza. A escolha não foi de todo ruim, pois conheci depois pessoas muito legais na Paraíba e em Maceió. Mas muitas vezes me perguntei se não teria perdido uma boa oportunidade de explorar Fortaleza naquelas circunstâncias.

Eu achava que deveria dar um jeito de estar acompanhada o tempo todo e que, se isso não acontecesse, seria incompetência minha. Por isso me apavorei um pouco na primeira noite, ao perceber que o quarto coletivo do albergue da juventude de Recife estava vazio. E me senti uma idiota quando, em Maceió, perguntei, enquanto tomávamos o café da manhã, se alguém gostaria de ir à praia comigo e uma carioca respondeu: “Por quê? Você tem medo de ir à praia sozinha?”. Idiota era ela que não sabia se relacionar com estranhos.

Três anos depois, quando mochilei pela Europa, foi a vontade de conhecer os lugares que falou mais alto, independentemente

da companhia. Separei-me de uma amiga que era ótima companheira em Florença porque o sonho dela era conhecer a Grécia e eu preferia explorar melhor a Itália – além de achar a Grécia uma roubada no inverno. Cheguei a ir até a Sicília sozinha, apesar das advertências dos italianos do Norte a respeito dos perigos que poderia encontrar no caminho. Nada me aconteceu e eu conheci Siracusa e Taormina, cidades sicilianas maravilhosas.

Também topei com muita gente interessante no caminho. A maioria nunca mais vi e talvez nunca mais veja. Mas as experiências que vivi nessas duas viagens mais marcantes e em várias outras (como repórter de turismo ou como cidadã do mundo) sempre vão continuar comigo. Faço questão de incentivar as mulheres desacompanhadas a colocar o pé na estrada. Porque é balela essa história de que a mulher é frágil e não sabe se defender. Porque é conversa mole para boi dormir esse papo de que a mulher não consegue tomar decisões rápidas quando surgem os imprevistos. Ao contrário. Em diversos casos, as mulheres têm muito mais iniciativa do que os homens.

Bom, é claro que nós, do sexo feminino, precisamos tomar cuidados especiais em vários momentos. Ficamos menstruadas, temos TPM, somos um alvo fácil para assaltos, estupros e roubos. Porém sabemos nos defender de tudo isso sem precisar fazer um curso de artes marciais. Basta boa vontade, disposição e muita informação para evitar estar no lugar errado na hora equivocada. Embora você possa dar azar e levar um tiro de bala perdida, ter a bolsa roubada ou ser perseguida por um tipo esquisito no meio da rua, tudo isso também pode acontecer na cidade onde você mora, principalmente se ela for grande. Não é?

Maristela do Valle



Houve um tempo em que minha prioridade era viajar – e esta fase durou mais de dez anos. Eu trabalhava em período integral numa agência de publicidade: férias eram sagradas; feriados também – eu emendava todos. Acho que meu chefe, o Hélio, acabou se acostumando, já que ele podia descontar quantas faltas quisesse.

A viagem era sempre mais importante.

Até aí, eu viajava com quem estivesse disponível: família, amigos, namorado, amiga da amiga. Quando terminei a faculdade, senti que era hora de ir além das limitações trabalhistas: larguei meu emprego e fui para a Inglaterra estudar inglês. Cheguei lá, não conhecia ninguém, mas tinha o conforto de saber para onde ia: havia reservado uma casa de família e a escola. Foi um bom começo. Com novos amigos estrangeiros, viajei pela Inglaterra, Irlanda e Escócia. Eis, porém, que o curso de inglês chegou ao fim, e eu não queria voltar para casa sem antes rodar pela Europa – só que não tinha com quem ir. “Vai sozinha”, me disse uma brasileira de uns 40 anos que também estudava por lá. “Vai sozinha, eu já fui, tudo numa boa, mete as caras!” “Quer saber?”, eu pensei comigo mesma, “eu vou”.

Embarquei num ônibus para Paris e só voltei para a Inglaterra dois meses depois. Durante a empreitada solo, de vez em quando eu me sentia uma tranqueira, parecia ser a única pessoa desacompanhada da face da Terra. Todo mundo estava ali com alguém e eu sem ter com quem dividir meus momentos “europeus”. Depois, fui conhecendo tanta gente pelos albergues, trens ou mesmo pelas ruas, que passaram a ser comuns os instantes em que eu dava graças por finalmente ficar só e fazer o que me desse na telha.

Claro, quando batia a solidão, algum lugar para consolo tinha que ser encontrado: um banco de praça, uma igreja vazia, um cinema... Sempre com aliviadoras lágrimas! Chorei em Madri

e Bruxelas, disso eu me lembro. E em Roma também, mas aí é porque roubaram minha carteira com todos os meus cartões de crédito. Entrei na igreja deserta para desaguar meu desamparo sossegada, mas o padre velhinho veio falar comigo – e não é que a boa alma falava português? E mais: depois, voltei para o albergue e logo na recepção conheci um carioca, que tirou o maior sarro: “Pô, você saiu de São Paulo para vir ser roubada em Roma? Me poupe...”. Por via das dúvidas, o resto da minha viagem italiana seguiu escoltada por este carioca e por um chileno.

Terminada esta primeira incursão pela Europa, voltei para o Brasil com mais vontade ainda de cair na estrada. Não demorou muito e larguei meu emprego para ir ao Canadá, Alasca, Estados Unidos e México. Por lá, não viajei o tempo todo sozinha; morei uns meses em Calgary (Canadá), fiz amigos. Depois de seis meses, novo regresso para o Brasil, mas por um período curto; acabei indo para a Austrália, onde morei e trabalhei por mais de um ano antes de partir para uma superaventura: uma viagem de volta ao mundo, com uma amiga japonesa, a Kazumi... mas isso fica para um próximo capítulo!

Em todos estes anos que viajei, circulei por quase cinquenta países. Numa das zanzadas por aí, conheci meu marido, bem no meio do rio Amazonas – ou Solimões, já que foi perto do cruzamento Brasil, Peru e Colômbia que nos encontramos, entre uma viagem de barco e outra. Eu dificilmente teria escolhido um homem que morasse mais longe, mas pelo menos logo de cara a gente já tinha um motivo para conversar: o Andy é australiano, e eu conhecia bem a Austrália. Outra coisa que tínhamos em comum, e isso era crucial, era obviamente a paixão por viagens. O Andy nasceu viajando. Saiu da barriga da mãe neozelandesa, Marie, em Hong Kong, foi morar com ela, a irmã Sue e John, o pai australiano na Tailândia, depois na Escócia. Só mudou para Sydney quando tinha 13 anos, onde fincou raízes, mas partiu e retornou

em muitas jornadas. E não é que a América do Sul era o sonho da vida dele, que sempre fizera planos de ir para o continente? Pois aí está, devia estar escrito.

Vivemos uma temporada num vaivém Brasil–Austrália, até que finalmente eu me mudei para Sydney, que é um lugar lindo, mas nem por isso definitivo, nem para mim, nem para ele. Casamos em Paraty, a gringaiada toda foi para lá e amou. Agora estou eu grávida (quer dizer, quando você ler isso minha filha já terá nascido), diretamente da Austrália, contando minhas histórias – até pareço uma velhinha na cadeira de balanço falando sem parar!

Calma lá, isso não quer dizer que minhas viagens pararam por aqui! Com 33 anos, espero que eu tenha muito chão ainda para ser percorrido. Esta nenê que eu carrego, a Stella, já vai entrar no mundo para viajar; pelo menos para o Brasil ela irá em breve. E, então, serei uma mulher viajando sozinha, ou com uma nenê, ou com um marido e uma nenê, ou talvez com dois nenês, ou seja com quem for... Viajante que é viajante não se aposenta nunca, mesmo porque quem é que ia pagar a aposentadoria?

Flávia Soares Julius

1 CHEGA DE DESCULPA!



S seja sincera: quantas vezes você já quis viajar sozinha, mas achou que não era uma boa idéia? Provavelmente muitas. Afinal, se isto nunca tivesse passado pela sua cabeça, você certamente não teria comprado este livro. Talvez você tenha afastado esse projeto por lhe faltar coragem ou simplesmente por achar que deva ser chato ficar perambulando solitariamente por aí. Mas como saber se a experiência vale ou não a pena, se nunca tentou? Ah, já viajou sozinha e odiou? Pois, com uma leve mudança de atitude, dificilmente você sairá dessa experiência sem curtir-la.

O número de mulheres que viajam sozinhas tem crescido no mundo inteiro, incluindo nessa estatística as viajantes de negócios e de lazer. Para se ter uma noção, a Associação da Indústria de Viagens Norte-Americana (TIA) descobriu numa pesquisa que metade dos viajantes de negócios nos Estados Unidos é formada por mulheres. Negócios à parte, a mesma associação estima que 32 milhões de americanas solteiras viajaram ao menos uma vez em 2005, e cerca de três em cada dez repetiram a dose cinco vezes ou mais. Detalhe: o contingente de solteiras com 35 anos ou mais vem galopando. Ainda usando os Estados Unidos como exemplo, quem mais pratica esportes de aventura não é, ao contrário do que se pode estereotipar, um jovem rapaz, mas sim uma mulher com, em média, 47 anos de idade e manequim 42.



O site

www.gutsytraveler.com

cita outra estatística que não deixa dúvida: nos últimos seis anos, o número de agências de viagens americanas destinadas a atender apenas mulheres subiu 230%. Com um detalhe: a fatia de moças que viajam sozinhas vem crescendo, assim como mulheres mais velhas e mães solteiras estão se iniciando cada vez mais no campo de viagens.

A internet descobriu que a mulherada é uma mina de oportunidades há tempos. O site www.journeywoman.com, por exemplo, é totalmente destinado ao público feminino. Tem mais de 50 mil mulheres cadastradas (estima-se que trezentas são brasileiras); todas recebem *newsletter* por e-mail com dicas de viagens solo. A editora do *Journey Woman*, Evelyn Hannon, vem aconselhando mulheres viajantes há 14 anos. Mais de um milhão de leitoras de mais de cem países já checaram as páginas de Evelyn, e muitas deixaram ali suas sugestões.

Outro site legal é o www.womenwelcomewomen.org.uk, que promove a amizade entre mulheres de diferentes países, incentivando-as a viajar e receber umas às outras em suas próprias casas (de acordo com a *newsletter* delas, há duas brasileiras que são membros, de um total de 2.506 associadas de 73 países).

Não é de estranhar, portanto, que a porcentagem global de empresas especializadas em mulheres que viajam sozinhas tenha subido 230% entre 1999 e 2005.

Será que essa mulherada toda está sofrendo de falta de companhia? Que nada, elas simplesmente encontraram um grande prazer nesse estilo de viagem. Por isso, mãos à obra. Coloque seu plano em prática! O fato de este livro ter chamado sua atenção veio a calhar. Você quer viajar, e a gente quer mais é que você vá. E se ainda resta alguma minhoca na sua cabeça, aqui estamos nós

para reduzir essa hesitação a zero. Veja só como temos respostas muito plausíveis para (provavelmente) todas as suas desculpas esfarrapadas. Como estas:

*“As pessoas vão achar
que sou uma encalhada.”*

Encalhada você está é no seu sofá, sentada aí, assistindo novela. Não seria muito mais divertido se você estivesse visitando o Louvre, dançando forró no Nordeste, comendo *paella* na Espanha, mergulhando em Fernando de Noronha, passando uma tarde em Itapuã ou fazendo qualquer uma das infindáveis coisas interessantes que há para fazer neste planeta?

Tome a resolução de ir viajar sozinha e pronto. Vale qualquer lugar, perto ou longe, caro ou barato. Para quem se surpreender e perguntar com espanto: “O quê? Você vai sozinha?”, você simplesmente responde: “Sim, por que não?”. Então mexa-se, porque você vai e vai mesmo. Gradativamente.

Muitas mulheres transformam a aventura numa verdadeira terapia, numa maneira de se conhecer melhor, de amadurecer, sentir-se independente e ver que sofá existe no mundo todo, novela também. E, aliás, a novela da sua vida, ao vivo e em cores, é muitíssimo mais interessante. Se sentir falta do conforto de casa, compre um saco de pipoca e ligue a televisão. Logo passa!

Viagem também é o melhor remédio para quem sofreu um trauma, como um fora, uma separação ou uma morte. Saia do círculo vicioso, fuja da rotina: isso vai aliviar a dor da saudade que a pessoa que foi embora deixou. Outro incentivo: viajar é uma ótima oportunidade de se livrar daquela relação neurótica que só enche o saco, mas você está tão acostumada e envolvida com o processo que não percebe que há vida saudável e feliz lá fora.

Daí você vai descobrir que, longe de a acharem “encalhada”, as pessoas vão é pensar que você é corajosa, interessante e, prova-